

6ª Parte

O Livro da Academia

Relevância do Estrato Mítico-Literário

Noemi Elisa Aderaldo

O Mito das Águas

Apesar de não pretendermos, aqui, fazer uma apologia do Mito, de natureza tão obviamente básica e essencial para a cultura humana, vale no entanto lembrar, de início, o lapidar mitosofema – que assume, para nós, um cariz axiomático –, sinteticamente enunciado pelo Poeta quando proclama, com a consciente e profunda sensibilidade da Alma, que “o Mito é o Nada que é Tudo”, enunciado esse tão poderosamente intuitivo que evoca, subliminarmente, ancestrais cosmogonias, orientais sobretudo, bastando que se lembre, de passagem, a importância, nelas, da noção cosmogenética de Vazio, de maneiras várias modulada, como a descobrimos, por exemplo, posteriormente implicada no conceito Zen-budista de Vacuidade, na raiz do conhecido enunciado “o Vazio é a Forma, a Forma é o Vazio”, o qual, como veremos adiante, se relaciona estreitamente com o tema das Águas Primordiais.

A consciência mítica concebe a realidade sensível em relação a uma realidade cósmica inicial, pois o Mito contém a reminiscência de uma ordem universal primeva em que se engendrou a textura da Vida.

Freqüentemente, nos damos conta de que muitas verdades universalmente reconhecidas com o envolver do conhecimento humano estavam já imanentemente sotopostas no substrato arcaico dos mitos. Isso, e o mais que nisso se implica, confere ao tema do Mito, se devidamente considerado, autêntico teor gnosiológico, o que reponta ao longo de toda a tradição cultural da humanidade, e mais recentemente eclode numa pletora de nomes ilustres, bastando-nos citar os de C. G. Jung, M. Eliade, J. Campbell, e o do luso-brasileiro Eudoro de Sousa, que cunhou, inclusive, a expressão “Mitosofia”, ou seja “a sabedoria do Mito”. Para tanto convergem também tradições como a Gnose, presente está como conhecimento esotérico – ou secreto – no âmago de todas as grandes religiões, a da Alquimia, a da Mística de alta voltagem, temas como o dos Arquétipos na Psicologia Profunda, o do Xamanismo que nos remete à sabedoria dos povos que chamamos tão mal de “primitivos”, e o da Parapsicologia com suas inúmeras vertentes, para não falar da Mitopoética e da Criação Artística em tantos de seus aspectos.

Acresce a tudo isso, e de maneira axial, central, essencial mesmo, o valor simbólico, vale dizer do Símbolo – e da simbolização – entranhado no cerne do Mito e enraizado no Inconsciente Coletivo da espécie humana, que nos impregna a todos com seus Arquétipos matriciais, o que tem sido vastamente explorado e utilizado, desde os primórdios, por todas as religiões, mormente

em suas práticas ritualísticas, sempre doutrinariamente congeminadas.

A mesma força psicogenética do Inconsciente Coletivo se manifesta nas crenças e ritos dos povos ditos primitivos, em variantes que conservam claros vínculos substratuais ou analógicos com ritos e crenças de civilizações antigas e de culturas arcaicas. Como um exemplo entre muitos outros, a tradição, entre algumas tribos indígenas brasileiras, de embarcar o morto numa canoa, rio abaixo, rumo ao seu destino, o que nos remete à figura do barqueiro adjuvante em várias mitologias, e que certamente inspirou Guimarães Rosa no seu conto "A Terceira Margem do Rio". E aqui tocamos o universo mítico das Águas.

Antes do mais, a Água é o elemento líquido por excelência.

Líquido e Água significam basicamente o mesmo para a nossa sensibilidade. Remontando à concepção primeva dos quatro elementos, se o corpo em si simboliza no homem a terra e o ar nele se expressa como pensamento, a Água representa a própria Vida que lhe anima o corpo, e simboliza, ademais, tradicionalmente, a dinâmica emocional do ser humano, ao passo que o simbolismo do fogo, sendo mais ambíguo, mais vasto e mais complexo, pode expressar-se como paixão no nível psicossomático, ou como chama interior da alma num plano mais profundo ou místico.

No legado das mais antigas tradições, que sempre são de fundo mítico, as Águas se ligam poderosamente à Vida, são seu veículo por excelência, mas também se ligam de alguma forma à Morte, participando dos dois reinos, dos dois mundos, o daqui e o de além, desempenhando um duplice papel.

As Águas tanto aglutinam, combinam e criam, como decompõem, dissolvem e destroem; unem e separam. Basicamente, as Águas simbolizam a soma universal das potencialidades, e o reservatório de todas as possibilidades. Precedem toda forma e sustentam toda criação. Desintegram, eliminam as formas, precedem a Criação e a reabsorvem. Nos primórdios, toda forma se manifesta desprendendo das Águas. Sua sacralidade se manifesta nas cosmogonias e nos apocalipses, nas hierofanias aquáticas e nas iniciações dos heróis em pelejas com monstros marinhos. Lembremos, de passagem, os ritos de batismo e de benção, e as divindades que habitam as Águas, de Poseidon ao orixá Oxum ou Iemanjá.

Presentes como fluidos corporais, veiculam a fecundação e a fertilidade, a gestação e o nascimento a que se ligam como líquido amniótico, e como o próprio sangue que fornece Vida. E curioso é constatar, na descoberta científica de que a Vida surgiu e evoluiu primordialmente no âmbito aquático uma daquelas intuitivas verdades míticas a que aludimos anteriormente.

Tal como desempenham as Águas um papel de mediação ou de passagem entre Vida e Morte, também estão ligadas, nas cosmogonias tradicionais, à Criação, mas também, no contrapolo, à Destruição do Mundo. É o que vemos, por exemplo, no grande poema babilônico da Criação, que em muitos pontos prototipiza o Gênesis bíblico, ambos enfatizando a indiferenciação aquático-caótica.

Em todas estas cosmogonias antigas as Águas se expressam como o Caos primordial, ou o representam, como a visão de um universo nascente em estado amorfo. Este Caos informe é às vezes identificado com a Noite, ou com o Vazio, e às vezes com um ovo cosmogônico. Mas predomina a concepção das Águas Abismais, incorporando frequentemente a natureza das Trevas, vale dizer da Noite. O Caos é eminentemente aquático e trevoso, e dele surge a Criação, sob a ação do deus dos deuses. É o que vemos no primeiro capítulo do Gênesis: “as trevas cobriam a face do abismo; e o espírito de Deus pairava sobre as águas”. Pouco depois lê-se que Ele diz: “faça-se o firmamento no meio das águas, e separem-se umas águas das outras águas”, e logo a seguir: “... e dividiu as águas que estavam por baixo do firmamento das que estavam por cima do firmamento”. (I..2.6.7).

Numa das antigas concepções gregas predominantes acerca da natureza do Caos, este é interpretado como “aquilo que é vertido,” ou seja, a água. Ao longo de todo o pensamento grego antigo o Caos é concebido como o gerador do Cosmos. E mais uma vez vale aludir aqui tangências científicas do tema, quando nos debruçamos sobre o essencial da Física Quântica – que torna cada vez mais imponderáveis e ondulatórios os constituintes últimos da Matéria -, e, mais recentemente, sobre as implicações surpreendentes da Física do Caos...

Voltando-nos para o extremo oposto dessa fascinação das Águas, encontramos, na mitologia grega pré-helênica na qual abeberou-se Homero, a figura do barqueiro Caronte que conduz as almas dos mortos pelas águas que as levam para o “outro lado”, travessia já encontrada não só na anterior mitologia egípcia, como também, com variantes, em diversas culturas primitivas. Ainda mais antiga, a versão da sumeriana “Epopéia de Gilgamesh”, em que este herói atravessa as “Águas da Morte”, transportado por um misterioso barqueiro, para chegar a Utnapishtin, o Noé sumério que detinha o segredo da imortalidade. E já que falamos em imortalidade, podemos aqui lembrar também, por pertinente, as antigas poções que conferiam imortalidade, dentre as quais ressaltam a grega e o “soma” indiano, líquidos ambos, note-se bem.

Na mítica grega, presente ao longo de toda a sua tradição cultural, en-

contramos o tema do rio Léthes, ou seja, o rio das águas que, uma vez sorvidas, proporcionam o esquecimento da Vida para a entrada do homem no reino da Morte, sendo que o próprio nome do rio contém a raiz da palavra grega para “esquecimento”, e da qual procedem, no português, as palavras “let – argia” e “lat – ente”.

E no que ao poder destrutivo das Águas se refere, temos não apenas o relato bíblico do Dilúvio, como também o relato sumeriano do mesmo evento na epopéia já citada, além de outros similares em culturas várias, ao mesmo contexto pertencendo os mitos da Atlântida.

As “Águas da Morte” são um tema recorrente em muitas mitologias asiáticas e do oriente antigo – a Água dissolve, elimina toda forma, dela retendo apenas o seu germe, potencialmente re-criador...

Valha acrescentar que na tradição indu, ao final de cada grande ciclo cósmico, tudo é reabsorvido na Vacuidade, nada subsistindo além do que é chamado de “Oceano Primordial”, sobre cuja superfície dorme o Grande Deus Criador.

A Dimensão Mito-Poética do Amor

O meditar em profundidade sobre o tema implica necessariamente um exercício da faculdade intuitiva (nem sempre à nossa disposição), na medida em que o Amor, ao situar-se num nível claramente meta-conceitual, compartilha este *status* singular – a um só tempo pinacular e abissal – com temas tais como a Verdade, como o Ser, como a Beleza.

Tal como estes outros, assinalamos-lhe, antes do mais, sua extensão universal, na medida em que se mostra, tanto no plano micro-cósmico como no plano macro-cósmico, onipresente enquanto considerado essencialmente como fenômeno de Atração, o que implica, simultaneamente, a lei universal da Polaridade.

Polaridade e Atração possibilitam, por sua vez, naturalmente amplíssima aplicação de uma outra lei universal, qual seja a de Analogia.

Imanente ao Amor, em tal contexto de Totalidade, o fenômeno da Atração sempre vetoriza, em princípio, como impulsão natural, a busca de completude, de unidade, de fusão, o que sempre supõe uma congênita incompletude e carência ôntica do que se encontra isolado ou separado, seja no plano da Matéria, seja no da Vida, seja no do Mental, seja no da Alma – e aqui se põe, no campo humano (com sociais e culturais implicações), a imprescindibilidade do *outro* frente à carência radical do *ego*, do comunal frente ao solipsismo, já que as células individuais somente subsistem dependentes do corpo da Humanidade de que fazem parte. (Sem esquecer, naturalmente que tudo é relativo no campo da Manifestação em que as coisas têm existência – pois que, do Absoluto, nada a rigor pode dizer-se).

E assim, por detrás de tudo o que foi dito, o fenômeno da Atração, ínsito ao tema, vetoriza, como impulso, a transcensão – vale dizer, o ir além, o ultrapassar limites próprios, o que caracteriza uma outra lei universal que as outras todas engloba, ou seja a lei da Evolução.

As analogias aqui pululam, na Matéria como na Vida, na Mente (modalidade de Consciência) como na Alma, que tudo isso, por tão diverso que pareça, está conectado numa Unidade a sustentar o infinitamente múltiplo, e que através dele mesmo se manifesta...

Buscando-se mergulhar no *horizonte profundo* onde as coisas têm origem, também intuímos o Amor, já no território psíquico, abissalmente sediado na arquetipia matricial do inconsciente coletivo de que participamos todos.

Valha também deixar aqui citada, como signo referencial de tudo o que estamos a dizer, a luminosa intuição do genial Schelling quando afirma que *a Natureza é Espírito inconsciente...* E por detrás da Natureza, postulam certas Tradições, há uma Supra-Natureza.

Naquele *horizonte profundo* há pouco avocado, é que encontramos a fonte criadora a partir da qual exsurge a dimensão mito-poética do Amor, aureolada de poder simbolizante e de mistério. *Mitopoiese* significa, a partir do étimo grego original, criação de mitos, criação aqui espontânea e natural, já que do domínio do inconsciente coletivo.

Os mitos brotam pois de tempos imemoriais de camadas insondáveis do psiquismo humano. Quem diz *psique* diz Alma, semente divina semi-adormecida e latente no fundo do humus humano (quem sabe não está aqui nossa etimologia?), germinando em estremecer para acordar sob o influxo – a Atração – do mesmo e universal Sol que a gerou (e aqui se pode dizer que afinal a semente dá à luz o próprio Pai que a gerou... E não é isto o que acontece).

Esse Atrator solar e sua semente – precisamente o que as antigas tradições de Sabedoria chamam de Alma – representa inserção do Divino no reino Humano, surgido, por sua vez, duma base Animal, posteriormente bafejada e sacudida pela emersão da Consciência, a nível mental primeiramente.

A Mitopoiese, ou seja, a geração de Mitos, encontramos-la universalmente nas culturas de todos os tempos e lugares, desde as grandes civilizações passadas até os mais diversos povos que chamamos *primitivos*, dos quais aliás temos muito o que aprender.

O Mito é tão antigo quanto o Homem, tão antigo quanto o Sono e quanto o Sonho, tão antigo quanto a Percepção, quanto a Imaginação. E podemos afirmar que nenhuma dessas coisas surge aleatoriamente – ou separadamente –, já que absolutamente tudo se interliga numa infinita trama (tanto, por certo, no visível, quanto no invisível), no espaço como no tempo (e por certo também, para além deles...)

A propósito, e inclusive incorporando a noção de Analogia e a riqueza do Símbolo, o estudo especializado e profundo do Mito constitui, ao nosso ver, uma forma simbolizante e intuitiva do conhecimento, que alguns poucos têm chamado de Mitosofia.

Ora, dessa profunda fonte interior dos Mitos no psiquismo humano, no que concerne ao Amor duas vertentes maiores se destacam.

Na primeira, que parece dominante e mais freqüente, pelo menos em termos de registro histórico e antropológico – mas literário também – encon-

tramos a polaridade Eros e Tanatos, ou seja Amor e Morte, muitas vezes como complementares, e outras como antagônicos, e em níveis de simbolismo, de percepção e de concepção diversos.

O Mito por excelência, o Mito paradigmático é, sem dúvida, o Mito da Criação. É um Mito onipresente, que se repete à exaustão, no qual, após a morte de um deus ou divindade, e em decorrência disso, surge do seu corpo, por uma espécie implícita de transmutação, aquilo que não existia antes e que é assim criado. O deus então se manifesta no que, a partir dele, foi criado. São as teofanias nas quais o deus se mostra de outra maneira que não ele mesmo.

Na segunda vertente mito-poética do Amor (segunda em magnitude), processo similar – seja quanto ao poder simbolizante, seja quanto à luz mística, seja quanto à iniciação, seja quanto à transcendência para algo além da Vida e da Morte, seja quanto à transfiguração e quanto a metanóia – se verifica no também paradigmático e superliteratizado Mito de *Eros e Psyche*, ou seja do Amor e da Alma, de que é exemplar e genial modelo literário o poema de Fernando Pessoa *Eros e Psyche*, inspirado em tradições místicas antigas, que hipostasiam a história da Alma, além duma teoria do conhecimento.

Contribuição para o ulterior esboço de uma Teoria Literária da Catábase

Como ponto de arranque, estabelecer-se-á indutivamente, a partir de ocorrências exemplares (ou paradigmáticas) na Literatura, o modelo matricial, arquetípico da Catábase.

O modelo deve aglutinar uma cadeia seqüencial de segmentos “sintagmáticos”, representando, semioticamente, significantes portadores de significados simbólicos, construindo-se assim o que se poderia chamar o código semiótico actancial, básico, da Catábase, constituindo um eixo horizontal.

A seguir, com base em procedimentos comparativos/associativos (inferências analógicas, imagísticas, metonímicas, metafóricas e simbólicas), a partir dos elementos de eixo horizontal ter-se-á à disposição, potencialmente (o “in absentia” saussuriano) um eixo “paradigmático”, vertical, das simultaneidades (associáveis ou transfundíveis).

O modelo configurará, assim, uma estrutura semiótica de duplo eixo (“sintagmático” e “paradigmático”, das sucessividades e das simultaneidades), decodificável, quando aplicado, seja como articulação seqüencial de segmentos “sintagmáticos”, seja como articulação “paradigmática” de aderências conotacionais associativas/metafóricas/simbólicas.

Tais “sintagmas”, representados por actantes, personagens, objetos, situações e ações (objetivas e subjetivas), experiências diversas do herói, passam a ser, então, reconhecíveis nas suas inúmeras variantes e modulações literárias, presentes, quer de forma patente, quer de forma latente, potencial ou velada.

Tal modelo, por conseguinte, possibilitará o reconhecimento e a identificação de quaisquer elementos, ou aspectos, ou matizes a ele pertencentes.

Na abordagem analítica e comparativa das catábases exemplares a serem investigadas, considerar-se-ia indevida e adequadamente:

- a) os aspectos sincrônicos e processos diacrônicos envolvidos;
- b) os procedimentos e técnicas de elaboração literária utilizados;
- c) os elementos diferenciais de natureza epocal e histórico-cultural implicados;
- d) as peculiaridades, bem como as constantes universais detectadas, mantendo-se o fulcro temático do Herói-protagonista e da Travessia catabática propriamente dita.

Constantes e Variantes Principais da Catábase

O Protagonista

- Divindades
- Semi-deuses
- Heróis
- Mortais privelegiados

Pródromos

- Possíveis determinantes eletivos
- Predisposições interiores e/ou circunstanciais
- Chamado (através de Sinais/ Sonhos/ Visões)
- Decisão

Preparação

- Visita a Templo ou Lugar Sagrado
- Consulta a Personagem Oracular
- Reconhecimento/ Pronunciamento Profético
- Oferta/ Libação/ Sacrifício
- Consagração votiva/ Entrega a poderes tutelares
- Prescrições/ Conselhos/ Advertências/ Proibições
- Proteção mágica de desempenho: Talismãs/ Objetos Apotropáicos

Catábase/ Travessia

- Invocação protetora
- Início da Viagem/ Travessia
- Umbral/ Porta/ Acesso
- Passagem por Vestíbulo
- Primeiras Provas. Bosque/ Floresta/ Vale/ Rio/ Lago
- Despojamento (de adereços, etc.) Desnudamento. Reiteração de Entrega a Poderes tutelares
- Passagem por Guardião/ Custodiador
- Provas de Obstáculos Naturais: Precipícios/ Abismos/ Ventanias/ Correntezas/ Fogos (representados por algum dos quatro elementos)
- Cumprimento de prescrições oblativas/ sacrificiais
- Manifestação da Presença de Protetores/ Ajudantes ("Auxiliares Mágicos")
- Surgimento e Enfrentamento de Antagonistas: Animais Monstros/ Entes sobrenaturais malignos)

- Combates, com ou sem seqüelas
- Cura (miraculosa ou não) de Ferimentos
- Encontros com Entidades e Actantes não antagonistas
- Diálogos/ Entrevistas com Habitantes “naturais” da região/ ou ali chegados/ ou para ali trazidos anteriormente
- Homenagens/ Oferendas aos Senhores do lugar
- Regresso

Outros Elementos/ Ocorrências possíveis

- Presença contínua do Numinoso
- Manifestações extraordinárias de algum dos quatro elementos
- Epifanistas
- Taumaturgias
- Regiões/ Lugares outros sagrados ou liminares
- Sonhos/ Visões/ Sinais indiciadores proeminentes
- Acidentes geológicos/ telúricos/ urânicos, notáveis ou insólitos: Cavernas, Crateras, Montanhas (“axis mundi”), Desertos, Geleiras, Lagos, Rios, Mares, Sorvedouros, Furacões, Aerolitos, Cometas, etc.

Exterior ou interiormente, nunca uma Catábase tem trajetória puramente horizontal, implicando ora o descenso a regiões infernas (de trevas, desolação, penas, purgações), ora a ascensão a regiões supernas/ (urânicas etéreas, elísias, afortunadas, paradisiacas).

As Catábases, pelo menos na Antiguidade, estão estreitamente relacionadas com os Cultos de Mistério e os Mitos Escatológicos.

Exemplos de Processos Interiores Correlatos

- Trances existenciais excruciantes/ dilemáticos
- Provações: Solidão/ Angústia/ Desespero/ Doença/ Proximidade da Morte, etc.
- Busca do Sentido da Existência/ do Si Mesmo/ do “Self”
- Tentações
- Renúncias
- Catarses
- Morte e Renascimento interior
- Transcensão do ego pessoal/ Descoberta do Eu Superior, da Alma
- Expansões de Consciência e Sensibilidade (“saltos qualitativos”)
- Transmutações energéticas interiores, Psíquicas e Espirituais
- Acesso ao “Reino” / Consumação do “Magnum Opus” alquímico.

A lição dos mitos

Em sua *Filosofia da Mitologia*, Schelling diz que os Mitos estão na penumbra de nossa Origem. Vale dizer, estão na origem da nossa consciência, somente com a qual nasce o Homem propriamente. Para quem os vive, encerram eles o que há de mais essencial, pois se situam na esfera do sagrado, do sentimento primigênio da Vida e do Mundo.

Como o Mito, em suas profundezas, se liga fundamentalmente ao sagrado, escutemos a palavra de Mircea Eliade – que também se aplica ao Símbolo – no seu famoso estudo dessa categoria numinosa: *Manifestando o Sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo*.

O Mito poderá parecer excessivamente fantástico à mente empedernida e superficial, mas quem o considerar com mente aberta e for tocado por sua verdadeira natureza, dirigida, antes do mais, à intuição, nele perceberá uma lógica profunda conectada ao inconsciente, e verificará que eles são, para os membros de uma cultura, a suma do que é extremamente digno de memória. Uma apurada análise antropológica do Mito tem revelado que a sua forma narrativa se encontra estruturada com intenso rigor, como o comprovam as investigações de Lévy-Strauss. Não é sem razão que a Psicologia profunda proclama serem os Mitos, para o Inconsciente Coletivo, o que são os sonhos para o inconsciente individual. E acaso poderia haver o Homem sem os mitos, sem os sonhos, se sua vida psíquica não está limitada à orla do consciente?

O Mito e o Símbolo partilham, em ampla medida – vale dizer numa larga faixa do seu espectro profundo de significância – duma mesma natureza; por outro lado podemos dizer que se nem todo Símbolo é mítico, todo Mito é, por sua vez, simbólico também. Vejamos o que aduz em relação a isso o eminente filósofo e helenista Eudoro de Sousa: *o símbolo não é algo – coisa, imagem ou idéia – que significa outra coisa, outra imagem ou outra idéia; o símbolo é isso mesmo que ele significa, ainda que se revele sob outra aparência ou em outro plano de realidade. Por outras palavras, pode-se dizer que no símbolo, sob um mesmo aspecto sensível, interceptam-se duas ou mais linhas de inteligibilidade e que no mesmo ponto do acontecer interferem dois ou mais graus de realidade. Fora desta categoria do simbólico, não é possível compreender a ação ritual, entender os entes mitológicos nem aprender a essência de qualquer obra de arte. (in **Dionísio em Creta e Outros Ensaios**).*

Por seu turno, o que Bachoffen, em sua célebre obra acerca do simbolismo dos túmulos antigos, enuncia a respeito do Símbolo, pode valer igual e perfeitamente para o Mito: O Símbolo mergulha as suas raízes nos mais recônditos abismos da alma.

As perquirições e intuições dos filósofos, poetas e pensadores românticos em torno do Inconsciente abriram campo a uma das maiores revoluções da cultura ocidental – precisamente a da moderna ciência da Psicologia. Com esta o Inconsciente é pesquisado, é posto em circulação, e suas manifestações tornam-se fonte de conhecimento.

Em convergência com as postulações de Schlegel, e objetivando decifrar as tradições tornadas enigmáticas pelo envelhecimento das formas culturais, os Irmãos Grimm coletaram as estórias populares de onde vêm os Contos de fadas (Pequeno Polegar, Branca de Neve, Gata Borralheira são alguns exemplos), com o alvo de reconstruir os mitos germânicos antigos, para conformar e ilustrar a sua antropologia cultural.

Antes, estas estórias eram uma representação do Universo; hoje deixaram de ser, por já não viverem no mesmo universo cultural. Mas a descoberta do Inconsciente e as investigações antropológicas possibilitaram a ampliação do nosso campo de visão do homem e do mundo, e constataram que os mitos que perderam a sua contraparte, a sua hipóstase ritual, convertem-se em estórias de fadas. Estas, que remontam às origens e que trazem a mensagem, a manifestação destas origens, inclusive das entidades que as habitavam, e apontam, de certo modo, com sua atmosfera de maravilhoso, para a superação dos dualismos e a reintegração numa unidade perdida, proposta pela vivência autêntica do religioso. Hoje, estas estórias já não dão a compreensão do universo, – porque já não vivem no mesmo universo. Segundo o mitólogo Ordep Serra, são como *constelações que mudaram de céu*, e o exemplifica com a figura do Pequeno Polegar que dava ao bárbaro germânico essa compreensão do universo, e com outros personagens que se tornaram lendas na imaginação popular.

Segundo Marie-Louise von Franz, ilustre colaboradora de Jung essas imagens arquetípicas que afloram nos contos de fadas são como fragmentos de um cristal quebrado que a gente pode encontrar brilhando na grama, de modo que cada elemento entra na recomposição do cristal originário – cada conto, no caso, tem relação com todos os outros e com sua matriz primigênia, que se multiplica nos seus desdobramentos e repete sempre o mesmo, e não com o conto distorcido pela mente consciente.

Um dos grandes equívocos na abordagem dos mitos (e, consequentemente, na dos contos de fadas), é considerá-los como meras fantasias – são phantasias, sim, mas no sentido greco-goetheano da Poética, o de fazer, no caso, *aparecer*, do fundo dos tempos e do inconsciente o que neles estava velado, oculto. É por isso que eles continuam a fascinar-nos, como se dissessem mais do que estão dizendo. Mas como comovem gerações inteiras? Seria absurda a fantasia que todos concordam em considerar valiosa?

Um outro equívoco que parte do primeiro é desejar explicá-los, decifrá-los, analisá-los por meio do filtro da nossa precária racionalidade, incapaz de compreender, de vivenciar ou de intuir a irracionalidade do *élan* vital, ou o superracional que a transcende. A cultura que nós vivemos ocupa, com relação ao Mito, uma posição ex-cêntrica, o que certamente a singulariza por ser a que mais caminhou nas sendas do profano, despojada de alma e interioridade, com as seqüelas todas a que ora assistimos, em estado de perplexidade. Só cremos no que vemos, e *só vemos até onde chega o nosso olhar*, como profetiza Fernando Pessoa, o qual sabia, com certeza, ser a visão física o análogo de uma outra que lhe é superior.

Outro equívoco ainda, dentre tantos que cercam a verdadeira intuição do que sejam os Mitos, este comum aos iluministas, precursores do positivismo, era o de supor que fossem eles respostas falhas a perguntas filosóficas, o que coloca a curiosa questão de se saber como podem as respostas precederem as perguntas...

Com o progressivo afrouxamento dos laços que mantinham a coesão comunitária, verificada ao longo da história da cultura do Ocidente, e o conseqüente desenvolvimento do individualismo libertário em todos os campos, os processos efabulatórios, até então enraizados no Imaginário Coletivo e geradores de estórias e de lendas espontâneas, cada vez mais se deslocam para o terreno da criação literária individual e nele se enraízam, possibilitando o surgimento de toda uma literatura multifacetada pela subjetividade individual e pela arbitrariedade criativa, originando-se toda uma nova gama de sub-gêneros derivados, dentre os quais ressaltamos aqui a chamada Literatura Fantástica, apresentando pontos tangenciais com o surrealismo, e também o que poderíamos chamar a Literatura do Maravilhoso, endereçada principalmente ao mundo infantil, um sucedâneo moderno dos antigos e venerados Contos de Fadas, sucedâneo que também se nutre, naturalmente, da imaginação criadora, tangenciando igualmente, assim, o território mágico e misterioso do inconsciente, indecifrada cifra e inexpugnada dimensão do microcosmo humano...

Finalizamos com a tão contundente quão intuitiva e verdadeira afirmação do poeta alemão Hölderlin, que tanto a vida mergulhou no universo dos antigos deuses gregos:

Só crêem no Divino os que o trazem em si.

Bibliografia

- ALLEAU, René. *A ciência dos símbolos*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- ANET-ANCIENT NEAR EASTERN TEXTS. New Jersey: Princeton University, 1955.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.
- AUBRETON, Robert. *Introdução a Homero*. São Paulo: DIFEL/USP, 1968.
- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Lisboa: Estúdios Cor, 1972.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix/USP, 1971.
- BODKIN, Maud. Studies of type-images in poetry, religion and philosophy. Londres: s. n., 1951.
- BORNHEIM, Gerd. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- CAILLOIS, Roger. *Le mythe et l'homme*. Paris, 1938.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- CURTIUS, E. R. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Rio de Janeiro: INL, 1957.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, T. *Dicionário das ciências da linguagem*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. 3 ed. Paris: Univ. de France, 1969.
- ECO, Humberto. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, s.d.
- , *Apocalípticos e integrados*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, s.d.
- ELIADE, Mircea. *Aspects du mythe*. Paris, 1963.
- , *História das idéias e crenças religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978-1984. 5v.
- , *Images et symboles*. Paris, 1952.
- , *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- , *Tratado de história das religiões*. Lisboa: Martins Fontes/ Cosmos, 1977.
- EVOLA, Julius. *O mistério do Graal*. São Paulo: Pensamento, s.d.
- FRANZ, Marie Louise von. *A interpretação dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- FROMM, Erich. *A linguagem esquecida*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GENETTE, Gérard. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GRASSI, Ernesto. *Arte e mito*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- GROF, Stanislav. *Além do cérebro*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.
- GUSDORF, Georges. *Mito e metafísica*. São Paulo: Convívio, 1980.
- JAFFÉ, Aniela. *O mito do significado na obra de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- JOHNSON, Robert A. A chave do reino interior – Inner Work. São Paulo: Mercurio, 1939.
- JUNG, Ch. G. *Psicologia y alquimia*. Buenos Aires: Santiago Reueda, s.d.
- , *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- KERÉNYI, Karl; JUNG, Ch. G. *Introduction à l'essence de la mythologie*. Paris: Payot, 1957.
- Lima, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.
- LE GUERN, Michel. Semântica da metáfora e da metonímia. Porto: Telos, 1974.
- LESKY, Albin. *Historia de la literatura griega*. Madri: Gredos, 1968.
- MORAIS, Regis de, org. *As razões do mito*. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- MURRAY, Henry A. org. *Mith and mythmaking*. New York, 1960.
- PAZ, Noemi. *Mitos e ritos de iniciação nos contos de fadas*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- , *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 2 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965.
- SERRA, Ordep J. T. *A gesta de Gilgamesh*. Salvador: Fundação Cultural do Estado, 1985.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 2 ed. Coimbra: Almedina, 1978.
- SOUSA, Eudoro de. *Dionísio em Creta e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.
- , *Mitologia 1: mistério e surgimento do mundo*. 2. ed. Brasília: UnB, 1989.
- , ----- 2: história e mito. Brasília: UNB, 1989.
- STEIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- TODOROV, T. *Análise estrutural da narrativa*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- , *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- , *Simbolismo e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- WEIL, Pierre et. al. *Cartografia da consciência humana*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura*. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1971.